

A FÁBRICA DE PINCÉIS NO MEIO DO SERTÃO

Weller Marcos

O comentário histórico das artes plásticas em Mato Grosso passa, forçosamente, por dois nomes da nossa geração, (cujo trabalho representa um marco indiscutível do princípio de um movimento), significativamente, importantes: *Wladimir Dias Pino* – que realizou a revolução poética valorizando as formas visuais através da programação gráfica, e preocupado mais com a elaboração mutante do objeto no espaço que com a cadência e ritmo das palavras na composição dos versos; *Aline Figueiredo* - que estruturou a contemporaneidade das artes plásticas a partir da década de 60. São estes dois momentos os mais importantes até aqui.

Ambos, Wladimir e Aline, utilizaram a edificação da Universidade Federal de Mato Grosso como o ponto de partida e de apoio para alcançarem os processos de projeção e estruturação dos seus movimentos. A esses dois nomes acrescenta-se ainda o do próprio reitor *Gabriel Novis Neves* da UFMT, que colocou a Universidade como o mais importante veículo regional gerador de arte e cultura; trabalhando com talentos como *Humberto Espíndola*, num verdadeiro desafio para superar preconceitos, derrubar princípios estratificados e idéias conservadoras; e revitalizar, sobretudo, a cultura das raízes populares, como o trabalho realizado com argamassa de cerâmica, produzido de forma absolutamente artesanal pela população ribeirinha do rio Cuiabá, principalmente na localidade de São Gonçalo.

O resultado dessa árdua investida da UFMT, ainda no seu início, foi a primeira oportunidade que se deu à organização de um catálogo geral, passando este a ser o verdadeiro livro de registro das Artes Plásticas no Centro-Oeste, elaborado por *Aline Figueiredo*, com assistência técnica de *Humberto Espíndola* e *Carlos Medeiros* – (**Artes Plásticas no Centro-Oeste Edições UFMT/1979**) – **Museu de Arte e Cultura Popular.**

A própria historiadora Aline Figueiredo, revirando baús em Campo Grande, conseguiu identificar em *Lídia Baís*, o primeiro referencial da

manifestação artística organizada, ainda que tenha se conduzido como pintora anônima e desconhecida, pela própria índole da artista campo-grandense.

Baís estaria para Mato Grosso – ao seu tempo – na mesma linha de importância cultural em que está hoje a poeta *Cora Coralina* para o Estado de Goiás; ambas, dois significativos ícones da cultura do Brasil Central. Aline, identificou Lídia Baís em seus estudos como *a primeira mulher que a sociedade mato-grossense conheceu com o temperamento que tradicionalmente se julga peculiar ao artista. Por isso sua importância oscila entre sua pintura e o conjunto de sua vida/obra.*

Foram muitos os fatores que contribuíram para o permanente esquecimento das artes-plásticas mato-grossense, sendo o mais significativo a falta de comunicação com os grandes centros nacionais, impedindo assim a assimilação, pelos nativos da terra, daqueles conceitos modernistas já absorvidos pelos produtores artísticos de regiões mais desenvolvidas: Rio de Janeiro, São Paulo, Minas Gerais, Nordeste e Sul do País. Alguns poucos artistas, nascidos de famílias tradicionais como *João Pedro Arruda* (esteve algum tempo na França), e *Ignez Maria Corrêa da Costa* (estudou com Cândido Portinari), tiveram a rara oportunidade de ultrapassar o limitado espaço da fronteira cultural da região em que nasceram.

Em 1964, Aline Figueiredo organiza uma exposição de texturismo, com trabalhos seus e de sua colega e amiga *Adelaide Vieira*, inaugurando assim a primeira Mostra do Estado com tendências abstratas. Depois, a artista-historiadora expõe (individualmente) em Corumbá e, em 1966, na capital – Cuiabá. Essas exposições vieram estimular a articulação que faltava entre os artistas com Aline, realizando o primeiro cadastro de pintores através de investigações em Cuiabá, Campo Grande, Corumbá e Aquidauana. Naquela oportunidade foram significativas as participações de Humberto Espíndola e Adelaide Vieira. Com tal esforço o grupo conseguiu realizar a “Primeira Exposição de Pinturas dos Artistas Mato-grossenses” - com trabalhos de *Ignez Maria Correa da Costa, João Pedro de Arruda, Dalva Maria de Barros, Jorapimo, Antonio Burgos, Miguel Perez, Clara Noemi Machado, Tarcila Passarelli, Flávio Taveira, Cícero Tenório, Miguel Catan, Franz Weiz, Felix Rantemberg, Reginaldo Araújo, Adelaide Vieira,*

Humberto Espíndola e a própria Aline Figueiredo. Entre os jurados, o Salão contou com as expressivas figuras do prof. Pietro Bardi (representando na ocasião o embaixador Assis Chateaubriand), o artista Aldemir Martins e João Parisi Filho, cabendo os prêmios principais a Reginaldo Nascimento Araújo, Jorapimo e Dalva Maria de Barros.

Seguiram-se daí outras iniciativas lideradas pelo mesmo grupo que se oficializou com o nome de Associação Mato-grossense de Artes-AMA, em 5 de agosto de 1967, sendo a primeira entidade do setor em todo o Estado. Podem ser destacadas as seguintes manifestações culturais: “Exposição Grupo Jovem Mato-grossense – 1968 – Cuiabá”; “50 Desenhos e guaches do jovem Di Cavalcante – Cuiabá e Campo Grande – 1968”; Galeria de Arte no Diário da Serra – “Individual de Humberto Espíndola – 1968”; “Cinco Artistas de Mato Grosso” – Cine Belas Artes. São Paulo – 1968; “28 Artistas da Nova Geração” – Campo Grande – 1968; “Palestras de Antonio Bivar” – Campo Grande e Cuiabá – 1969; “Quatro Artistas de Mato Grosso” – Rio de Janeiro – 1970; “Panorama das Artes Plásticas em Campo Grande” – com 139 obras (Clóvis Irigaray, Maria Augusta Cambará, João Sebastião Costa, Humberto Espíndola, Lourdes Figueiredo, Reginaldo Araújo) – 1970; “Brasil via Mato Grosso – 1971”; “Curso de História da Arte e da Criatividade” – a partir de 1970, que revelou para o panorama das artes uma gama imensa de novos valores.

A 2 de janeiro de 1974 era finalmente inaugurado o Museu de Arte e Cultura Popular da Universidade Federal de Mato Grosso, com a exposição “Panorama das Artes Plásticas em Mato Grosso”, composta de 36 trabalhos de 12 artistas: Adelaide Vieira, Clóvis Irigaray, Conceição Freitas da Silva, Dalva Maria de Barros, Hilton Silva, Humberto Espíndola, Igenes Maria Correa da Costa, João Pedro de Arruda, João Sebastião da Costa, José Ramão Pinto de Moraes, Nelly Martins e Reginaldo Araújo.

A partir da década de 80 diversos nomes já haviam conseguido uma consagração meteórica, passando a figurar em exposições nacionais e internacionais com a mesma expressividade dos artistas do chamado eixo-Rio/São Paulo. Destacados foram: Adir Sodré, Gervane de Paula, Bené Fonteles, Nilson Pimenta, Clóvis Irigaray, Dalva Maria de Barros, Benedito Nunes, Humberto Espíndola, Alcides, João Sebastião. É, quando ocorre no Museu de Arte Moderna do Rio de Janeiro a mostra

“Brasil/Cuiabá – Pintura Cabocla”- janeiro de 1981.

Foi através destes artistas e de seus trabalhos que o Brasil e o mundo começou a ter um contato mais íntimo com o Pantanal e a Chapada dos Guimarães, despertando a euforia eco-ambientalista que marcou toda a década através dos movimentos de conservação e preservação ambiental, determinantes como processo de atração de recursos internacionais para projetos agro-ambientais, sendo o mais importante deles o Prodeagro, do Banco Mundial.

A primeira manifestação artística com raízes nas intenções preservacionistas foi à proposta da “*Bovinocultura*”, de Humberto Espíndola, que satirizou a ocupação do Pantanal pelos criadores de gado. A obra chegou à Bienal de São Paulo ganhando espaço e repercussão (X e XI Bienal Internacional – 69 e 71). Não foram raras as mostras internacionais onde sua obra obteve reconhecimento e valorização, podendo ser citadas: Bienal de Veneza; Medelin; México, entre tantas outras.

Bené Fonteles, em 1982, revoluciona as artes mato-grossenses com a sua proposta da Xerografia, composta de gravuras e colagens saídas de milhares de cópias (xerox) trabalhadas em composições superpostas, onde o artista conseguia narrar o absurdo das situações da época, amenizando o impacto com a beleza gráfica de sua criação. Dele falou Aline Figueiredo: *Aproveitando ainda mais os recursos da xerografia Fonteles faz circular seu trabalho pelos correios, através da arte postal, ou e-mail art e veicula desde 1976, o seu lema indefectível: Antes arte do que tarde.*

O tema indígena também foi trabalhado por dois artistas que se superaram no estilo irreverente de viver: Clóvis Irigaray e Maurílio Barcellos. O primeiro transformou-se numa escultura viva ao tatuar a própria cabeça e rosto, desfilando em trajes extremamente extravagantes (mortalhas). Sua arte que atravessou inúmeras fases é composta de um desenho hiper-realista, limpo e belo; chegando a momentos exageradamente fantásticos, produziu uma verdadeira sátira à religião confundindo-a com a crítica social, sistema que induziu o artista a menosprezar o valor das coisas (fala-se que chegou a trocar obras valiosíssimas por uma simples carteira de cigarros). Para ele o santo de um altar qualquer era sempre tão místico e tão profano quanto

as indestrutíveis cópias de cínicas Mona Lisas, repetidas milhares de vezes como se fosse um objeto de bazar de bugigangas. Sua fase de "*Madonas*" retrata a irreverência do caos em que o artista mergulhou a própria vida, abandonando os valores estéticos, agredindo os conceitos pré-estabelecidos e repugnando o convencional político-burguês. Contudo não afastou na trajetória de sua criação, rica em fantasia, com uma beleza proporcionada ora pela profusão de cores, ora pela ausência de matizes (há dele quadros pintados apenas com a tinta preta), mesmo assim realizados de forma a identificar a genialidade do autor. *Maurício Barcelos*, se ocupou em ir pouco além das preocupações figurativas; trabalhou sua arte de forma diversificada com a madeira; realizando entalhes em composição com outros materiais, sempre dando importância ao tema indígena que utilizou profusamente, tratando-o de maneira engajada quase como um processo de defesa do habitat, da natureza e do resgate cultural. Morreu jovem, depois de ter contraído AIDS.

O MUSEU RONDON

No espaço universitário o Museu Rondon, da UFMT realiza a amostragem da arte indígena, dando ênfase às culturas Nambikuara, Bororo, Xavante e Bacairi. O rico acervo de um trabalho artístico praticamente em extinção, engloba peças elaboradas, ora em cerâmica, ora em rica plumária, até mesmo em trançados e cordões. Adornos de plumas usados em rituais religiosos, recipientes de cerâmica/casca de pau/talo de buriti; abanos, cestos de talos de taboca; cestas e esteiras, peneiras; colares realizados com ampla maestria manual e pictórica, onde a tinta de urucum, a cabaça, o casco e o rabo do tatu, as sementes silvestres, são componentes permanentemente presentes na obra artística, de um primitivismo exuberante.

Dalva Maria de Barros, pode ser chamada a pintora do cotidiano que retrata a simplicidade da vida da sociedade cuiabana, estabelecendo a inter-relação entre o novo e o velho, o antigo e o moderno. De forma documental; a mudança arquitetônica da cidade, o espetáculo

das festas religiosas, dos eventos culturais; trabalhando sempre de maneira historiográfica. A nuance das cores da obra de Dalva é suave, porém os detalhes, estes explodem como se tivessem sido captados por uma máquina fotográfica. Seu trabalho junto a UFMT foi significativo para a construção do movimento que revelou inúmeros talentos ao cenário das artes plásticas no Estado.

WLADIMIR DIAS PINO – A magia gráfica criadora de fantasias e realidades

Ninguém criou mais que Deus no Universo, nem mais que Wladimir Dias Pino, nas artes plásticas mato-grossenses – sua genialidade foi sempre incomparavelmente fantástica, e superou a própria razão das existências tidas conhecidas. No gráfico não foi superado e crê-se que, dificilmente o será. Foi com ele que a Universidade Federal de Mato Grosso conseguiu se expressar além do próprio âmago, da medrosa estrutura, da acanhada investida rumo ao desconhecido. Wladimir levou a audácia a limites fantásticos: foi ao inferno e ao paraíso num mesmo tempo de luz e trevas.

Não se sabia quando realmente estava rindo dos seus observadores, ou blasfemando e tripudiando a orgia inacabada da má utilização dos recursos públicos, manipulados por uma burocracia formal do Sistema Político Cultural, com o qual ele brincou durante todo o tempo da sua explosiva sede de criação.

Enquanto viveu distante das badalações, fugiu da glória, elevando conscientemente todas as fases culturais a uma fogueira imensa, onde, queimou o convencional criando com as cinzas o seu **“Processo”** – *o poema da interpretação do falar, do ver, do sentir e pressentir; o poema do colorir a abstração em folhas de papel; de rasgar gravuras e misturá-las num só tempo universal, como num balaio de feira livre.* Wladimir antecipou com a rejeição do direito autoral à própria *Era Internet*, onde todas as informações pertencem à Humanidade não importando quem as tenham criado ou descoberto. Depois, efervesceu o carnaval de rua, com totens imensos, flamulando o espaço em profusão de cores; ali, escreveu em papéis pintados nas rotativas uma combinação de *cor/*

verso/imagem. Na arte, poder-se-ia chamá-lo *Papa do Informal*, se o admitisse! Seus cadernos foram expressão gráfica mais chocante, mais agressiva, embora a matriz dos conceitos ideológicos viesse sempre embutida, ora num pingo do *i*, ora na posição da vírgula abaixo do ponto. Um mestre gráfico, um poeta inquieto, um artista solitário, por certo!

A Nova Seara

Aí estão narradas e expostas as sementes da arte que tivemos. Nem de todos falamos e nomes há ainda a citar, tão fortes e expressivos quanto à lembrança dos lembrados. Como num campo fértil, de adubo santo, o olhar simples não consegue enxergar todo o infinito das coisas em volta. Muito mais há e haverá, e quem tanto plantou sabe que nem tempo terá para tudo colher.

Ainda muito mais semente há no jacá de varas dessa aldeia d'artes, às vezes tão primitiva, outras tantas tão futurista, que nos deixa imaginar estarmos numa roda gigante que ora gira lenta e ora veloz — mais que a luz!

Mais nomes há para encerrar: Benedita Gonçalves, Eduardo Batista Leite, Eurípedes Santa Lusa, Gercy Bianchini, José Lemeu da Rocha, José Serafim Bertolotto, Luiz Carlos de Souza, Márcio Aurélio dos Santos, Maria Cecília Castro Pinto, Osvaldina Santos, Raimundo Moreira, Regina Pena, Suzana Vilela, Telma Rezende, Adriana França Moreno, Andréa Antonen de Souza Silva, Antonio Reis Coelho, Ari Alves da Silva, Benedito Aleixo Cortés, Benedito Zamparoni, Carlos Lopes, Cícero Costa, Cleide de Barros, Conceição Pinto, Elder Madusga, Eliamar Pereira, Hermes da Silva, Gonçalo de Arruda, Idelene dos Santos, Jadir da Silva, Jadir Marques, Joinete Silva, José Antonio Brito, Josemar Maciel, Luciano de Souza Carrelo, Lucrecia Dilda, Marcelo Santana Almeida, Marcos Santana Albuquerque, Marcus Vinicius Danim, Maria de Fátima Carlos Bezerra, Maria Tereza Bizignani, Marina Marioka Minami, Mauro José dos Santos, Nelza Rosa de Cerqueira Caldas, Odair Mello Azedo, Osmando de Souza Costa, Paulo Bernini, Paulo Fernandes da Silva, Paulo Figueiredo Silva, Rosemary Dutra Leão, Sebastião Neves Macedo, Waldeck Eurípedes Curvo Bezerra (VII Salão Jovem Arte Mato-grossense — Fundação

Cultural de Mato Grosso).

Na minha lista "Ours Concurs" incluo por conta e risco: Francisco Charneca, Antonio Zorin, Lázara Bonfim, Marta Catunda, Márcio Aurélio Santos, Vitória Basaia, Anna Amélia Marimon, Hermes de Melo Rodrigues, Jared Moreira Aguiar, Pádua, Maria Amélia Zapata Lorire, Janete Hartmann e muito mais.

Weller Marcos

Jornalista, artista plástico, poeta e historiador, Membro do Instituto Histórico de Mato Grosso, da União Brasileira de Escritores – UBE/MT e GO , sócio remido da Associação Goiana de Imprensa. Fundador presidente da Fundação Cultural do Brasil Central. Delegado do segmento Literário junto ao Conselho Estadual de Cultural de Mato Grosso.